



## desemprego, papéis sexuais e fecundidade

Ivonete Batista Xavier\*

O estudo objetiva relacionar a situação dos agentes na força de trabalho, com alguns aspectos da estrutura familiar. Predominantemente qualitativo, sem pretender generalizar, procura detectar, através dos discursos dos agentes, as categorias cognitivas, as dissonâncias e o universo simbólico, com relação aos seguintes temas: trabalho, nupcialidade, papéis, tamanho da família ideal, contracepção e aborto.

A população estudada, constituída por 46 casais, é de baixo poder aquisitivo e as atividades desenvolvidas pelos agentes são pouco produtivas e incapazes de ultrapassar a barreira da pobreza. Os provedores de renda familiar são comumente o casal; a situação da mulher que trabalha fora é mais precária que a do homem trabalhador, pois nenhuma dispõe de carteira assinada. Na fala dos agentes há respostas positivas à idéia de a mulher participar da produção; o trabalho é percebido como capaz de propiciar autonomia e crescimento pessoal à mulher. Porém ocorreu atitude contrária ao fato de a mulher trabalhar fora do lar, motivada por precárias condições de trabalho oferecidas à mesma, como também pela luta interna que parece existir quanto ao desempenho de papéis no ambiente doméstico; neste sentido, as mulheres parecem ter introjetado as elaborações sociais pertinentes à ideologia vigente de que cabe à mulher ficar em casa e ao homem, ir à rua. Os homens empregados mostraram-se mais reticentes à participação da mulher na força de trabalho do que os homens desempregados, provavelmente porque os últimos são mais pressionados pelas condições de vida adversas.

No estudo da nupcialidade, detectou-se que o tipo de união predominante na população estudada é a união consensual, havendo uma prevalência desta nos subgrupos dos homens desempregados e das mulheres que trabalham fora do lar. Os homens empregados referiram menor número de uniões anteriores e menor número de filhos nascidos nessas uniões do que os homens desempregados. As mulheres que trabalham fora também tiveram maior número de uniões passadas e apresentaram uma taxa de fecundidade superior nessas uniões às mulheres que permanecem em casa. As mulheres que referiram ter tido filhos de uniões passadas trazem os filhos para as novas uniões, enquanto os homens que revelaram idêntica situação não trazem os filhos nascidos dessas uniões para as novas famílias. Há indícios de que os homens empregados detêm maior estabilidade das uniões, seja quanto à durabilidade das mesmas, seja quanto ao

---

\* Universidade Federal de Pernambuco

uma transgressão à lei e como um pecado contra Deus; c) a prática do aborto é prejudicial à saúde da mulher (e da criança, no caso do aborto malogrado) d), “pode-se evitar antes”. Conforme as mulheres, as situações em que são aprovadas a prática do aborto estão relacionadas ao tempo em que a gravidez é interrompida, aos meios utilizados e à condição (“imaturidade”) da mulher; a motivação mais forte para a busca dessa prática reside nas condições concretas de vida. Ficou patente, outrossim, que as mulheres usuárias do aborto (número reduzido) se submetem a uma verdadeira via-crucis e são vítimas de seqüelas físicas e psicológicas. Especula-se se os sentimentos de vergonha, remorso e culpa que acometem as usuárias dessa prática não estariam relacionados à percepção da feminilidade como sinônimo de maternidade, e, neste sentido, as reações psicológicas seriam “conseqüências” do fato de a mulher não poder negar-se ao papel de ser mãe.

Neste estudo documentamos que os agentes em várias instâncias reproduzem a ideologia dos papéis sexuais e que o comportamento reprodutivo a reforça: a situação dos agentes na força de trabalho parece desempenhar um espaço limitado.

número de permutas de parceria, comparativamente aos homens desempregados; especula-se neste sentido sobre a ação dos efeitos deletérios do desemprego na estrutura familiar. No contingente feminino, os resultados não permitem traçar uma direção definida.

Quanto aos papéis sexuais, a variável trabalho–não trabalho parece não desempenhar lugar relevante. As mulheres, de modo geral, reproduzem, seja em termos de preferência, seja em termos de desempenho “efetivo”, os tradicionais papéis atribuídos à mulher: a casa é o espaço reservado à ela e a rua é o lugar destinado ao homem; mudanças neste modelo são mínimas, mesmo num contexto de vida caracterizado pela escassez. No contingente masculino, detectou-se que os homens desempregados preferem e “realizam” tarefas ditas femininas mais que os homens empregados, porém quando argüidos sobre as obrigações do gênero, ambos reforçam a ideologia dos papéis sexuais que identifica mulher com domesticidade e homem com provedor de renda. Os homens se mostraram mais vítimas da ideologia da igualdade dos direitos dos sexos do que as mulheres, embora na prática negassem a possibilidade de sua existência. Concluindo, os agentes parecem estar diante da idéia de que “os direitos são iguais” e não face à realidade histórico-social dos direitos do homem e da mulher.

No que se refere ao tamanho da família ideal, verificou-se que as mulheres, independentemente da situação na força de trabalho, aspiram e efetivamente têm uma família de tamanho reduzido; a nível de desejo, os homens aspiram uma família grande, porém, na prática, tanto para os empregados como para os desempregados, o tamanho real da família gira em torno de três filhos. A situação econômico-financeira é a maior barreira à realização dos desejos no que se refere ao tamanho ideal da família, restando pouco espaço para outras motivações e fantasias. No contexto das preferências pela composição ideal do sexo dos filhos, os agentes reproduzem os estereótipos da ideologia acerca dos padrões de comportamento masculino e feminino. Neste item os desempregados revelaram uma atitude de pouco envolvimento, apatia e indiferença no que tange à composição ideal da prole, comparativamente às atitudes dos empregados; tal postura seria talvez uma “conseqüência” das condições de vida dos agentes, todavia a ótica transversal do estudo não permite afirmações seguras.

A contracepção é utilizada largamente pelas mulheres, seja para espaçar nascimento, seja para encerrar a vida reprodutiva. As donas de casa preferem a pílula, enquanto as mulheres que trabalham fora se submetem à ligadura de trompas com mais freqüência do que as primeiras. Na fala feminina quase não há alusão aos métodos masculinos; tal postura denota que na contracepção elas reproduzem a ideologia dos papéis sexuais, em que cabe à mulher a tarefa de usar práticas de evitar filhos. No contingente masculino, detectou-se que os homens têm um bom conhecimento sobre práticas contraceptivas e sabem que suas mulheres as utilizam no cotidiano e “devem” continuar a fazê-lo, pois “tomar remédio para evitar filho não é coisa para o homem”. Ficou constatado ainda que as condições econômico-financeiras constituem a maior motivação na busca das práticas contraceptivas.

Os homens, praticamente em sua totalidade, têm uma opinião desfavorável face ao aborto; esta posição é menos acentuada entre as mulheres, pois quase um quarto delas aceitam esta prática e um maior número delas impõem condições ao seu uso. As razões mais freqüentes (em ordem decrescente) para a rejeição do aborto foram as seguintes: a) a sexualidade humana é percebida como associada à reprodução; b) a prática do aborto é vista como um crime,